

CÓPIA-CONTATO¹

Sarah Z. Uriarte²

Resumo

Cópia-Contato é um termo da arquivologia utilizado para denominar cópias produzidas por contato direto com o original. Na fotografia, o procedimento de cópia por contato é parecido: coloca-se um negativo em contato com a emulsão da superfície de um papel fotográfico, e com a exposição à luz, cria-se uma cópia. Neste ensaio visual, em um conjunto de procedimentos poéticos, técnicos e burocráticos que têm como pontos centrais a fotografia e a performance, Cópia-Contato fala de trabalhos que são pensados justamente pelo contato uns com os outros, em especial com Arquivo, de 2015, e suas leituras e materialidade. Os trabalhos aqui apresentados são de 2015 a 2022, e se configuram como múltiplas entradas possíveis em minha pesquisa. Lidando com conceitos de arquivo e documento, com o próprio campo da arquivologia e com os escritos da teórica israelense Ariella Azoulay, as práticas aqui trazidas criam trânsitos entre espaço público e privado, corpo público e privado, e instauram a lógica de um conjunto fechado de procedimentos que são testados na prática fotográfica.

Palavras-chave: Fotografia. Performance. Artes Visuais.

CONTACT PRINTING

Abstract

Contact printing is a concept of archiving used to denominate copies produced by direct contact with the original. In photography, the procedure of a contact printing is very similar: by placing a negative on the emulsion of the photographic paper and exposing it to light, we create a copy. In this visual essay, in a set of poetic, technical and bureaucratic procedures that have photography and performance as their main issues, Contact printing is about art works that are conceived precisely through contact with each other, especially with Archive, from 2015, and its possibilities of reading and materiality. The art works presented here are from 2015 to 2022 and are configured as multiple possible entries in my research. Dealing with concepts of archive and document, with the field of archival science itself and the concepts of the theorist Ariella Azoulay, the practices brought here create transits between public and private space, public and private body, and establish the logic of a closed set of procedures that are tested in photographic practice.

Keywords: Photography. Performance. Visual Arts.

¹ Cópia-Contato também é título de uma exposição da artista Sarah Uriarte, na Galeria Mauro Caelum, Casa da Cultura Dide Brandão, Itajaí, SC, de 22/11 a 22/12/2022.

² Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Itajaí, Santa Catarina, Brasil. Mestre em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC (Florianópolis/SC). Artista visual, professora e produtora cultural. ORCID <<https://orcid.org/0000-0001-8300-5066>>. E-mail: sarahu@univali.br

1 FOTOGRAFIA E ARQUIVO

No campo das artes visuais, destacam-se inúmeros trabalhos contemporâneos que são criados para e/ou a partir de arquivos. Sejam documentos, fotografias, trechos filmados ou mesmo objetos, parece inesgotável a potência destes materiais tanto como objetos de estudo quanto como ferramentas para a prática artística nas mais variadas linguagens. As discussões também são múltiplas, seja na ressignificação de fotografias e documentos de arquivo, na leitura destes materiais à luz da contemporaneidade ou ainda no seu uso como memória social e histórica.

Trazendo os trabalhos mais voltados à fotografia, podemos falar da estadunidense Carrie Mae Weems, em especial com o trabalho *From here I saw what happened and I cried*³ onde traz imagens fotográficas de pessoas negras escravizadas, feitas entre 1850 e 1960, encontradas em arquivos de diferentes bibliotecas ao redor de seu país. Originalmente, várias destas fotografias foram feitas com o intuito de criar um arquivo destas pessoas, o que para o naturalista suíço Louis Agassiz ajudaria a comprovar suas teorias de uma suposta inferioridade racial. Por esta intenção e pelo fato de estarem em situação de escravidão, pode-se considerar que as pessoas fotografadas não foram consultadas ou tinham direito de negar o direito à sua imagem. Para o trabalho, a artista coloca um filtro vermelho em cima de todas as fotografias e as apresenta em formato circular, lembrando do formato de uma lente de câmera fotográfica, e sobrepõe frases como “você se tornou um objeto de pesquisa”, “um tipo negróide”, “um debate antropológico” e “um tema fotográfico”, propondo assim uma discussão contemporânea sobre o racismo estrutural e seus impactos na construção de identidade e na perpetuação de estereótipos.

No Brasil, destaca-se a pesquisa de Rosângela Rennó com objetos do universo fotográfico, bem como as fotografias em si, que a artista acessa em arquivos públicos e adquire em situações diversas. Especificamente no trabalho *Imagem de Sobrevivência*⁴, temos um acervo de diapositivos adquiridos em mercados de pulgas e feiras populares, que são projetados no espaço expositivo até sua completa desapareição, em uma ação conjunta do tempo e da exposição à luz. A artista coloca novamente em circulação imagens já descartadas, e as mostra até o esgotamento, retomando também o hábito social há tempos perdido de reunir-se para ver fotografias, fossem elas retratos de família ou registros de viagens e momentos especiais.

³ “Daqui eu vi o que aconteceu e chorei”. Tradução da autora.

Dentro desta mesma perspectiva, a pesquisadora israelense Ariella Azoulay fala da multiplicidade de formas que uma fotografia pode ser compreendida, e conseqüentemente, utilizada. De início, é importante compreender que as fotografias, muitas vezes, são atreladas aos seus referentes como se isso as desvendasse por inteiro, em uma relação que a teórica chama de *significante simples*. Assim, as imagens fotográficas seriam sempre lidas de acordo com sua legenda, com seu grupo de classificação, com o evento ao qual estão atreladas, invalidando assim toda a complexidade que uma composição fotográfica pode conter, e em especial, os múltiplos pontos de vista pelos quais pode ser lida. Segundo a autora,

O aparecimento e desaparecimento de objetos do olhar na fotografia não atestam a falta de confiabilidade essencial da fotografia. Eles atestam, ao invés disso e antes de mais nada, o fato de que uma fotografia não possui um ponto de vista soberano e estável, e que o que é visível nela - seu verdadeiro referente - deve ser fundamentado não menos que sua interpretação. (AZOULAY, p. 10, 2010, tradução da autora).

Neste sentido, Ariella traz a responsabilidade da imagem fotográfica a todas as pessoas que dela compartilham, seja quem fotografou, quem foi fotografado, quem agiu para que o momento da fotografia pudesse acontecer, quem a olha, quem a arquiva. E é nesta perspectiva, de descentralizar a discussão da fotografia abrangendo todos os agentes envolvidos, que os trabalhos aqui apresentados foram realizados.

2 CÓPIA-CONTATO

Como um corpo pode ocupar um arquivo, como arquivar uma performance e como performar um arquivo são questões centrais nesta pesquisa, em que os trabalhos mostram procedimentos de habitar, organizar, performar e arquivar gestos. São apresentados aqui os trabalhos *Arquivo*, *Arquivo Público*, *Arquivo Intermediário* e *Arquivo Morto*.

O primeiro trabalho, *Arquivo*, é apresentado em uma única imagem como uma espécie de folha de contato. Este trabalho foi realizado em um momento de saída definitiva da casa da minha família, onde este móvel de madeira está desde que nasci. O primeiro quadro mostra um arquivo de madeira aberto, cheio de gavetas e papéis, em frente a um fundo de madeira quase da mesma cor. Em uma tentativa de seguir habitando este espaço, a ação consiste quadro a quadro em preencher o arquivo com meu próprio corpo e fechar-me nele, me tornando parte

daquele contexto arquitetônico e afetivo. No ano seguinte, o trabalho arquivo foi minha primeira tradução para o espaço impresso, tensionando um lugar entre a fotografia e as performances impressas.

Arquivo Público é um vídeo sem áudio, feito na Casa da Cultura Dide Brandão, propondo a abertura do arquivo e dos materiais que venho catalogando, em especial na pesquisa que resultou no livro *Notas sobre Arquivo*⁵. Esta pesquisa parte do trabalho Arquivo para sedimentar procedimentos utilizados em um corpo de trabalhos meus, em especial de 2015 a 2018, como as performances feitas para a câmera e os modos de apresentação em formato de grades ou folhas de contato no espaço. Utilizando o móvel de arquivo como disparador, a performance traz o gesto de retirar todas as gavetas e dispô-las, deixando não apenas seus conteúdos, mas também os agrupamentos, catalogação e inventário expostos.

Arquivo Intermediário é um trabalho que propõe, no gesto de oferecer ao público uma pasta-arquivo aberta, tornar acessíveis os processos e procedimentos que venho investigando. Com um conjunto de textos escritos por notas constituo meu arquivo intermediário, que segundo o dicionário brasileiro de terminologia arquivística, é um conjunto de documentos do arquivo corrente que aguarda destinação, também chamado de pré-arquivo.

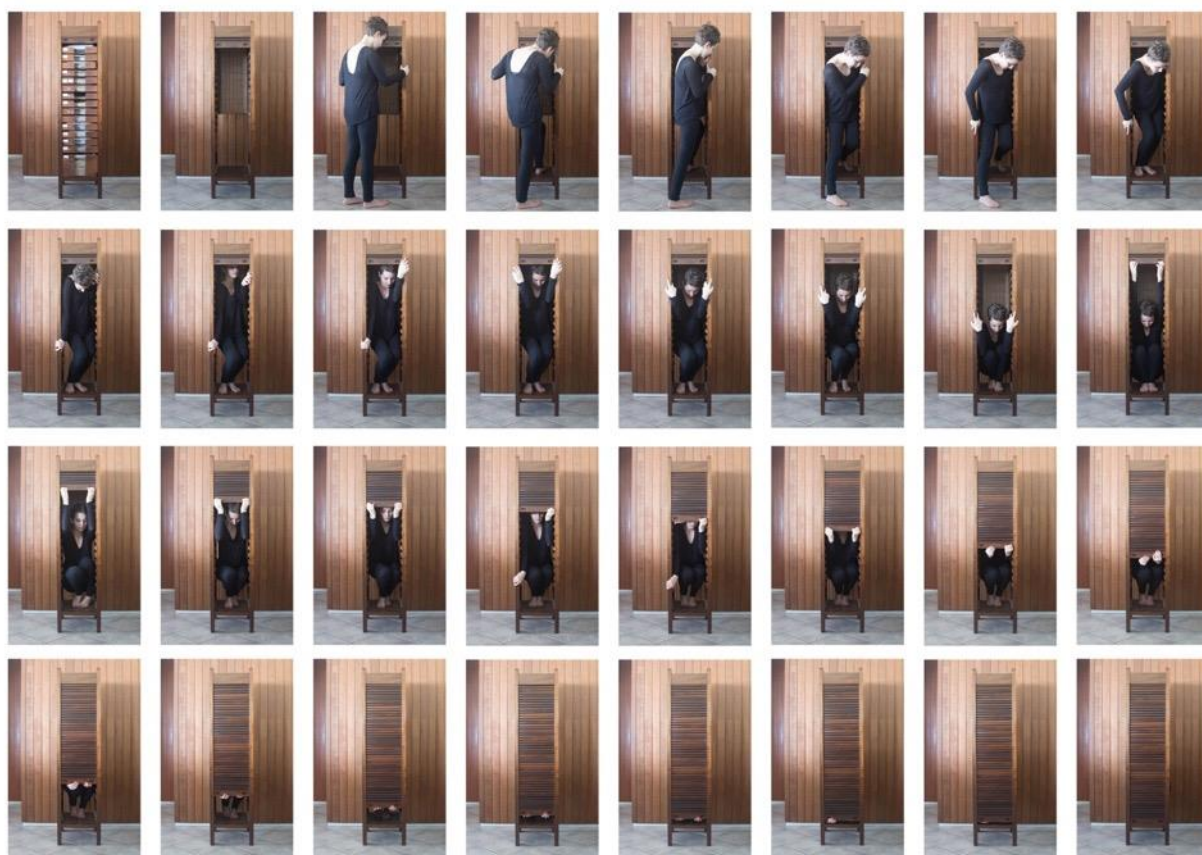
Arquivo Morto é uma série de fotografias do recolhimento e destruição de móveis de arquivo pertencentes a um dos comércios locais mais antigos de Itajaí, depois de anunciado seu fechamento devido à constante reconfiguração das áreas do centro da cidade. as fotografias mostram, em sequência, uma garra de guindaste erguer o arquivo até colocá-lo dentro de uma caçamba de um caminhão de sucata, onde é amassado até desaparecer em meio aos outros arquivos que já estão lá dentro.

Se no primeiro uso do móvel de arquivo o gesto é de habitá-lo com meu corpo, os outros trabalhos propõem justamente abrir, expor, tornar acessíveis estes materiais e procedimentos que tencionam minha pesquisa. Por fim, a imagem do recolhimento e destruição de um móvel de arquivo coloca a discussão central no âmbito dos espaços públicos e privados e suas necessidades de reconfiguração pela própria cidade. Ao lidar com conceitos de arquivo e documento e com o próprio campo da arquivologia, se abrem múltiplas possibilidades de leitura

⁵ Este livro é resultado da pesquisa de mestrado intitulada *Sobre como entrar e sair*, que está disponível em < <https://sarahuriarte.com/sobre-como-entrar-e-sair-dissertacao> >. O livro pode ser acessado em < <https://sarahuriarte.com/notas-sobre-arquivo> >.

e mesmo de conexão e convergência entre diferentes áreas do conhecimento, que podem, na produção artística, serem justapostas e aproximadas.

Figuras 1, 2, 3 e 4: Arquivo

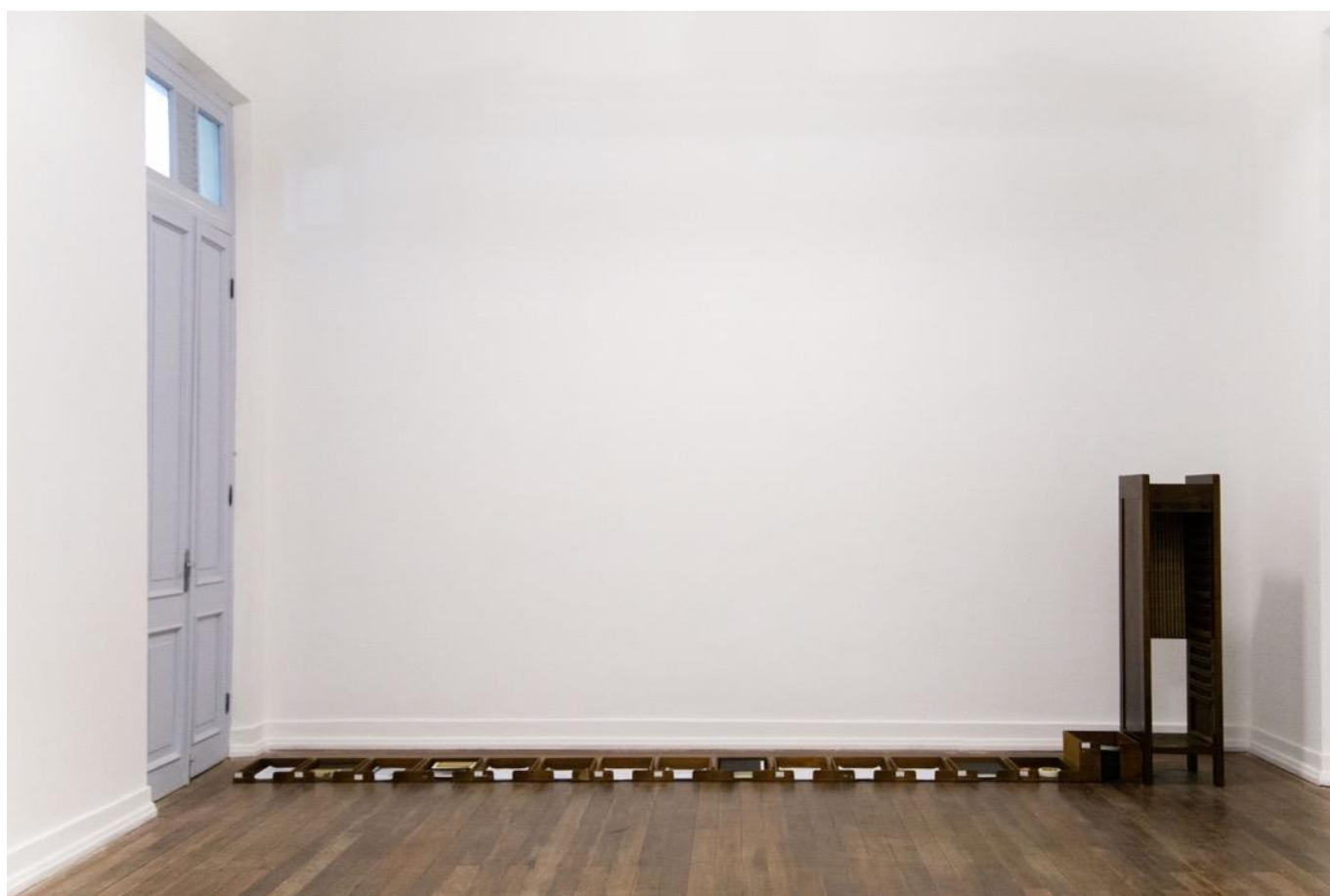
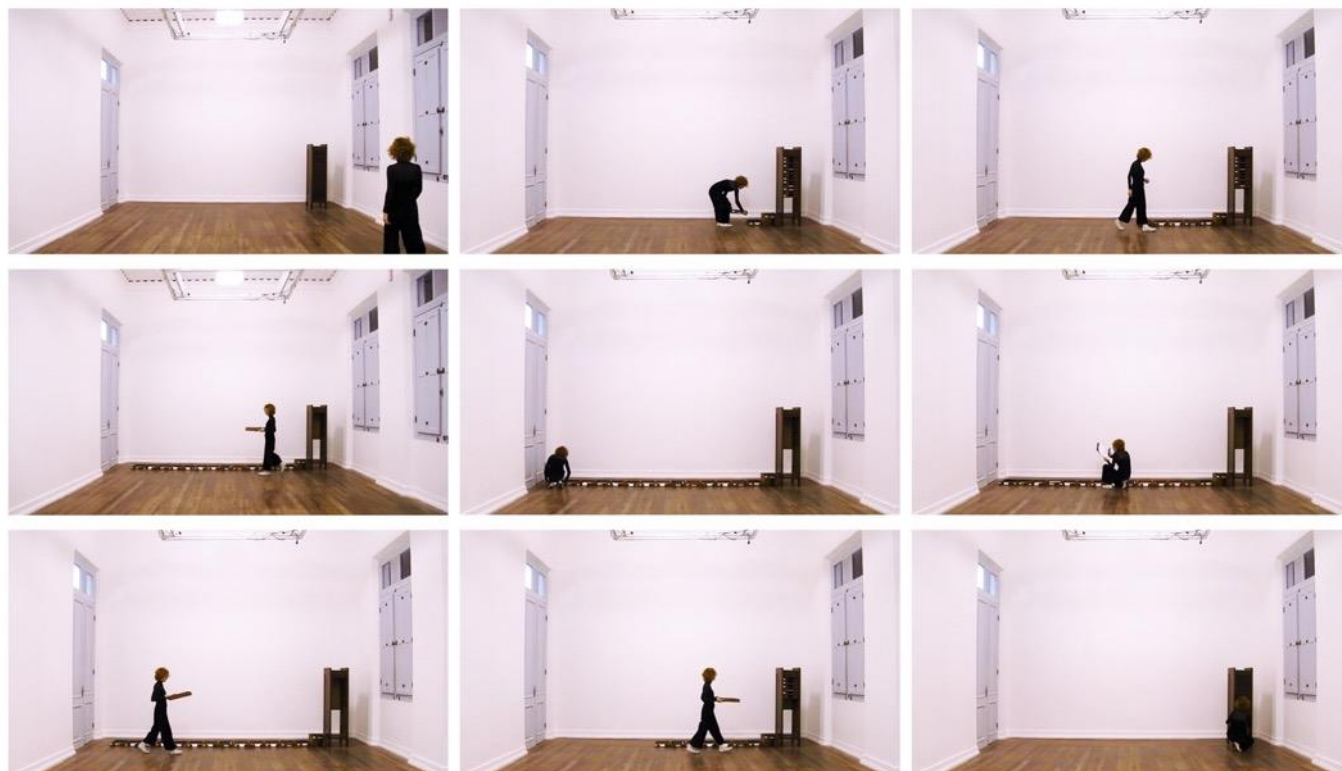






Fonte: Sarah Uriarte (2015)

Figuras 5, 6, 7 e 8: Arquivo Público





Fonte: Sarah Uriarte (2021)

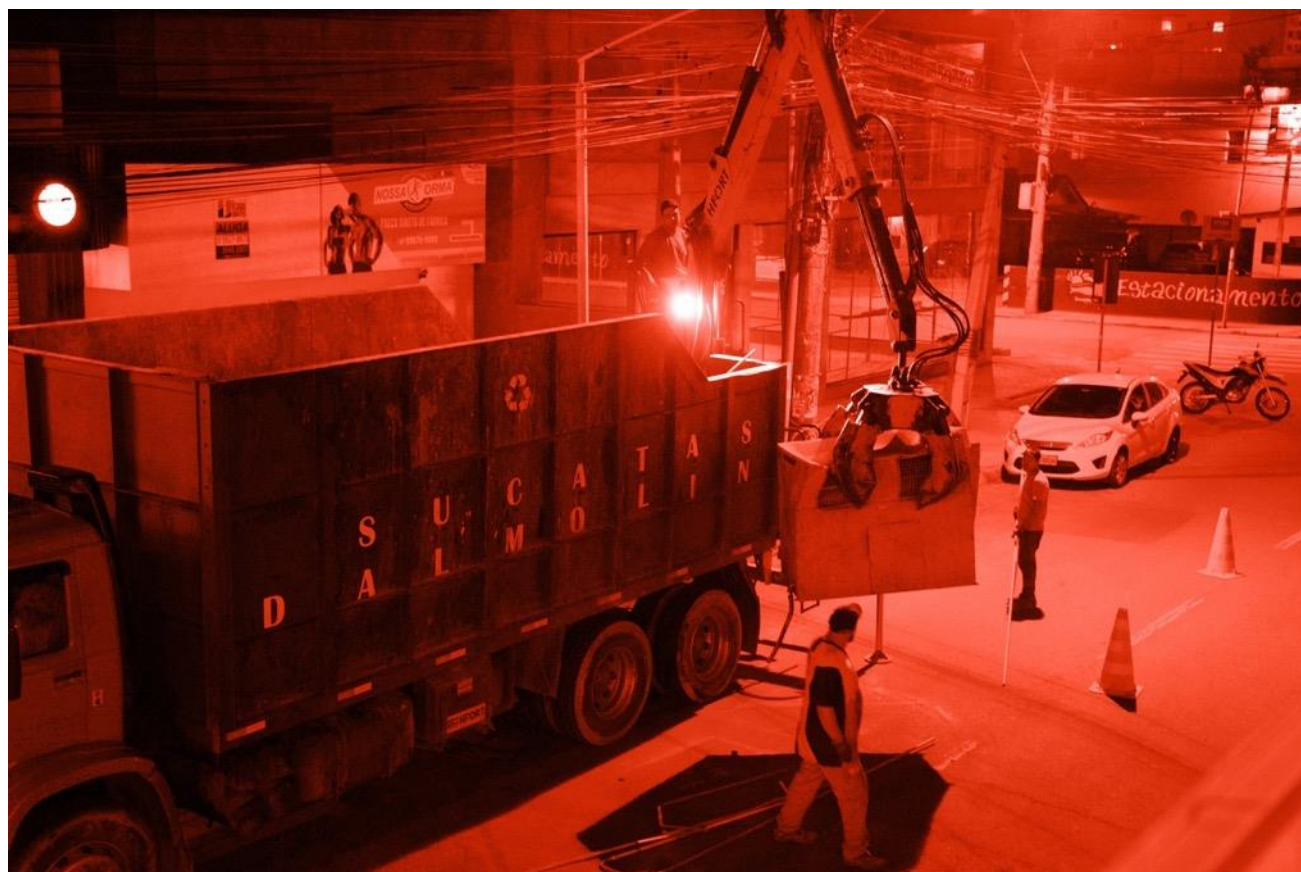
Figuras 9, 10 e 11: Arquivo Intermediário





Fonte: Sarah Uriarte (2022)

Figuras 12, 13, 14, 15 e 16: Arquivo Morto





Fonte: Sarah Uriarte (2022)





Fonte: Sarah Uriarte (2022)

REFERÊNCIAS

AZOULAY, Ariella. What is a photograph? What is photography? **Philosophy of Photography**, Londres, v. 1, n. 1, p. 9-13, doi 10.1386/pop.1.1.9/7. 2010.

WEEMS, Carrie Mae. **From here I see what happened and I cried**. Disponível em < <http://carriemaeweems.net/galleries/from-here.htm> > Acesso em 13 DEZ 2022.

RENNÓ, Rosângela. **Imagens de sobrevivência**. Disponível em < <http://www.rosangelarenno.com/obras/exibir/62/1> > Acesso em 13 DEZ 2022.

Submetido: 16/12/2022

Aceito: 19/12/2022